

Fundescola

Novas escolas para os Kalunga

Com recursos do MEC, Exército levanta construções para remanescentes de quilombos em áreas rurais de difícil acesso



Nos dias de chuva, vento forte e goteiras impedem a concentração dos alunos

MARIA CLARA GUARALDO

Enviada especial do Fundescola/MEC

Monte Alegre de Goiás (GO) - O caminho que leva aos Kalunga é de difícil acesso. Em tempos de chuva, a comunidade fica isolada, pois a estrada torna-se intransitável. Televisão, telefone e outros aparelhos eletrodomésticos, tão comuns no dia-a-dia das cidades, são objetos raros e de luxo para as 800 famílias desses remanescentes de quilombos, que vivem escondidas entre rios e montanhas, sem água e energia elétrica, ao norte do estado de Goiás.

Eles chegaram à região por volta do século XVIII e se multiplicaram. Hoje, ocupam parte da área rural dos municípios de Monte Alegre de Goiás, Cavalcante e Terezina de Goiás.

É nesse cenário que o 4º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército Brasileiro está construindo duas escolas rurais para atender os Kalunga das localidades de Bom Jardim e Tinguizal, áreas rurais de Monte Alegre de Goiás. Os recursos são do Ministério da Educação por intermédio do Fundescola. A Fundação Palmares aponta as áreas onde a construção é prioritária. Além de Monte Alegre, estão sendo construídas escolas no Povoado de Mangal, no município de Sítio do Mato (BA) e na Barra do Parateca, em

Carinhanha (BA). As primeiras construções deverão ser concluídas no primeiro semestre de 2001.

Metas - A iniciativa colabora com as metas de universalização do ensino fundamental do governo federal. Atualmente, 97% das crianças e adolescentes de 7 a 14 anos estão matriculadas neste nível de ensino. Estima-se que as crianças que ainda não freqüentam a escola vivam no interior do País em áreas rurais de difícil acesso como as terras indígenas e dos descendentes de quilombos.

Para os índios foram firmados convênios para a construção de escolas em aldeias existentes nos municípios de Amaração e de Baía da Traição (PB) e também na Ilha de São Pedro no Município de Porto da Folha (SE). A direção-geral do Fundescola está preparando convênio para a construção de escolas na aldeia de Manga no Oiapoque (AP) e na aldeia da Serra da Moça, em Boa Vista (RR).

A construção dessas escolas beneficiará, neste ano, cerca de 440 crianças negras e 580 indígenas. As escolas serão erguidas em áreas reconhecidas pela Fundação Palmares como sendo de remanescentes de quilombos e em áreas demarcadas pela Funai e indicadas pelo Ministério Público. As escolas só podem ser construídas em locais que não haja conflito de terra e disputa judicial.

Prédios geram expectativas

Uma parte das crianças Kalunga de Monte Alegre de Goiás estuda na Escola Municipal Bom Jardim, uma casa feita de barro e coberta por palha seca. Nos dias de chuva, os alunos mal conseguem prestar atenção nas aulas por causa das goteiras e do vento forte. São 18 alunos da alfabetização à 4ª série numa única sala de aula.

Na parede, o cartaz "mundo globalizado" mostra fotografias de objetos os quais os estudantes só conhecem no papel. Uma delas é a figura de um telefone celular e a outra de um computador. Tem também aluno que nunca viu televisão de perto. É o caso de Jurimar Pereira das Virgens, 9 anos, aluno da 3ª série. Na comunidade não há energia elétrica e Jurimar ainda não teve a oportunidade de ir até a sede do município de Monte Alegre.

Construções - Daqui a alguns meses a Escola Municipal Bom Jardim funcionará em outro local. Será substituída por uma das escolas que estão sendo construídas pelo Exército. O prédio novo ficará bem próximo à velha escola. Se-

rão duas salas de aula. A professora Sandra Ferreira da Silva, conta que já está tudo planejado. A 1ª e a 2ª séries funcionarão no turno da manhã, a 3ª e 4ª na parte da tarde. O espaço, à noite será utilizado para a Educação de Jovens e Adultos. O município avalia a possibilidade de implementar a 5ª série. O novo prédio terá luz fornecida por um sistema de energia solar.

Um pouco mais adiante está a Escola Municipal Tinguizal, que também será substituída. Lá, as crianças sentam-se em bancos de madeira e nos dias de chuva forte não conseguem estudar, pois a escola funciona em um barraco, sem janelas e portas. Pais, professores e alunos querem se mudar logo para a nova escola que também terá duas salas de aula e energia solar. "É a oportunidade que temos para voltar a estudar, pois com a energia solar poderemos fazer à noite o curso de alfabetização de jovens e adultos", diz Honorata Pereira Soares de Castro, 43 anos, uma das descendentes dos quilombos nascida na região.



Fachadas das casas feitas de palha e barro que servem aos estudantes Kalunga e que serão substituídas pelos novos prédios em construção pelo 4º Batalhão de Engenharia de Construção do Exército